

AS LINGUAGENS DA MEMÓRIA NO TEMPO PRESENTE DOS MIGRANTES DA VILA DO INCRA

Maria Clelia Pereira da Costa¹

Resumo: Esse artigo retrata as linguagens dos migrantes nordestinos na chegada ao Projeto de Assentamento Coronel Salustiano até a construção do Povoado Vila do Incra às margens da BR 174 Estado de Roraima. Os personagens indicam uma dupla jornada de peregrinação e o resultado de quem caminhou às escuras, superou as diversidades, a insegurança, as incertezas e venceu o percurso árduo e as tempestades da migração na Amazônia Roraimense.

Palavras-chave: Oralidade; linguagem; migração; educação.

Introdução

Este artigo retrata a linguagem dos migrantes de Vila do Incra ao revelar suas lutas da chegada ao Assentamento entre 1975-1981, período que fugiram da seca da miséria que assolava o Nordeste brasileiro e chegaram numa terra que se dizia “vazia”, à espera de habitantes, embora a pobreza extrema, doenças e desafios estivessem semeados naquele lugar. A história se desenvolve a partir da escuta acirrada das falas dos personagens identificados pelos seus nomes e datas dos acontecimentos. O objetivo do texto é conhecer as interações históricas que emergem das experiências dos migrantes nas lutas por melhorias no assentamento da BR 174.

Teoricamente consideramos os estudos de Meihy & Holanda (2007), sobre as metodologias de entrevistas e as teorias de Jacques Le Goff (1990), sobre a relevância da memória. Para os autores Meihy & Holanda (2007), o uso de entrevistas como técnica de pesquisa tem propiciado importantes recursos à pesquisa científica, à medida que esse instrumento favorece seu prestígio e faz com que mereça atenção na explicação e uso das fontes gerais, a partir de novas interpretações;

Como técnica, o uso das fontes orais confere sentido acadêmico à aplicação das entrevistas que passaram a ser válidas como recursos de separação da história oral, produzida na universidade em oposição às soluções que se valiam do uso mais ‘inocentemente’ ou “livre” das entrevistas (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 71).

Nesta pesquisa, a oralidade foi de extrema importância pela ausência de registros escritos sobre a saga dos migrantes no processo de ocupação e criação do povoado esquecendo que eles fizeram parte na construção embrionária desta história. Segundo Le Goff (1990), estas ações refletem sobre o valor da memória quando os grandes historiadores vivenciaram esse crivo no passado em busca da escrita da história por meio da memória. A história do caçador, os rastros, as pistas, os sinais nos objetos, a Bíblia são exemplos da oralidade relatada pelas memórias e escrita da história para o conhecimento de futuras gerações.

A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita (depois de tentativas sobre osso, estofado,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação-Universidade São Francisco-Campus Itatiba-São Paulo. Mestre em Educação pela Universidade São Francisco-USF-São Paulo. Professora da Educação Básica da rede pública de Ensino do Estado de Roraima. Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Rorainópolis. E-mail: cleliasup@gmail.com.

pele, como na Rússia antiga; folhas de palmeira, como na Índia; carapaça de tartaruga), como na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel (LE GOFF, 1990, p. 375).

A pesquisa é qualitativa quanto aos sujeitos envolvidos, neste artigo narrado por um migrante residente em Rorainópolis, porém quinze participaram da pesquisa. Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco Parece nº: 1.125.509, de 26 de junho de 2015, iniciamos as entrevistas na residência dos participantes durante o mês de julho 2015.

A esse respeito, Meihy & Holanda (2007, p. 118) advogam que “o fazer entrevistas, além dos momentos de sua realização prática, demanda a finalização que o habilita para uso. Independentemente, cada entrevista é um documento e o conjunto um corpus documental específico”. As palavras dos pioneiros indicam a busca pela independência econômica, social e política, diferente daquelas experimentadas nas cidades de origem as margens da pobreza, fome e miséria, onde compartilham o sonho de *posse da terra*. Nesse ponto, a oralidade possibilita enxergar outros resultados, interpretar a dinâmica das linguagens por trás dos bastidores e captar o inesperado;

De uma ou de outra forma, a sustentação que marca a união de pessoas são dramas comuns, coetâneos, vividos com intensidade, e consequências relevantes, episódios que alteram no porvir o comportamento pretérito, rotineiro, e que impõem mudanças radicais de vida grupal. [...] A memória se constitui assim em artifício político-social para marcar os elementos indenitários de uma comunidade (MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 51).

Os entrevistados buscam na memória o passado que ao mesmo tempo em que é individual é também coletivo, quando tecem uma teia de suas memórias imbricada com as experiências vividas marcadas pelo tempo e as práticas sociais neste território investigado.

A difícil chegada: um passado libertador ou opressor?

Diante do exposto, vamos nos debruçar nas experiências do senhor João Rosa de Sousa, natural de Bacabal Maranhão, agricultor aposentado que chegou à rodovia em novembro de 1976 aos 42 anos de idade. Ao chegar à rodovia foi contratado pelos serviços do 6º Batalhão de Engenharia e Construção-6º BEC como contador de bueiro pelos irmãos Gentil e Mariano Carneiro, pioneiros na ocupação das terras desde 1973, período que não havia a política do assentamento, a terra era escolhida em qualquer lugar desejado para construir o tapiri² às margens da BR 174. O senhor João explica os motivos de morar nos confins do país.

Chegamos em 1976 em Roraima, meu interesse foi por muitas coisas que sempre havia lutado à busca do ouro, da terra fácil, o trabalho na rodovia, escola para meus filhos, era muita gente para sustentar e estudar. O desgosto pela perda de minha filha querida de nove anos de idade, uma dor na alma tão marcante que até hoje ainda sinto como se tudo fosse vivido agora. Minha filha morreu queimada acendendo o fogo para fazer o almoço. (...) Eu tinha casa, comércio, terra, mas pelo acontecido vendi tudo e viajei para Roraima. A gente almejava um pedaço de terra grande para plantar e assim aconteceu. O ouro era o sonho de todos nós que saía em disparada para as áreas de

² Palavra indígena que define uma palhoça provisória que abriga lavradores, usada pelo seringueiro para cobrir a fôrnalha e defumar o látex. Dicionário <http://www.dicionarioinformal.com.br/tapiri>.

exploração dos garimpos de Roraima, muitos colegas enriqueceram outros perderam a vida nas rochas, pela malária, o cano da espingarda ou pela ambição da riqueza (20/07/2015).

Esse dito é permeado de emoção, cuidados ao pronunciar as palavras bem pensadas e organizadas, senta, olha as mãos, seu semblante é às vezes de seriedade, outros de tristeza, preocupação com suas palavras. Olha sempre para trás e pede ajuda da esposa, a quem chama de Divina na esperança de rememorar o passado e esclarecer as informações que espero obter. A esposa diz não lembrar a data da chegada ao *paraíso que criei os 10 filhos e 10 netos*, anda de um lado para o outro preparando o almoço, sente-se incomodada diante do constante chamado do esposo para auxiliá-lo, responde com monossílabos segura quanto às respostas. Segundo o colaborador, sempre relata aos estudantes que o procuram para saber da história do lugar e realizar trabalhos escolares, embora não sejam os escritos publicados, isso o deixa revoltado, e desabafa suas inquietações a respeito das instituições de ensino e pesquisas sobre a não divulgação de suas experiências de vida:

[...] Não sei o que estes estudantes fazem com as entrevistas que já dei, pois nunca vi, li ou soube de trabalhos que tenha contado a respeito dessa história do vilarejo, nossa luta pela terra e pela escola. Os companheiros de luta estão morrendo e junto com eles a história, pois tem coisas que somente eu sei contar, assim como outros também sabem de coisas que eu não sei. Isso deixa tudo pela metade, e a gente sabe que é preciso juntar o quebra cabeça para encaixar as peças e produzir alguma coisa boa e de verdade para que outras pessoas conheçam nossa luta para construir tudo isso (20/07/2015).

Desse ponto de vista, não é somente o senhor João que pensa no silêncio desses fatos, o grupo compartilha de seus pensamentos quanto ao descaso dos historiadores ao silenciar os acontecimentos do registro escrito. E, enquanto não acontece a construção dessa história, nas palavras desse pioneiro “*tudo vai pelo ralo, sem retorno*”. Em continuidade revela a situação que viveu no assentamento às dificuldades para adquirir produtos como: sal, açúcar, sabão, óleo para cozinhar, pilha para o rádio, lanterna, medicamentos para tratamento da malária e querosene para as lamparinas. Para adquiri-los caminhava-se um dia inteiro para a localidade do Arara Vermelha ou a taberna do Lourenço, únicos comércios próximos. Na roça, plantava-se de tudo, sem compradores à negociação se dava a base da troca dos produtos com os vizinhos. A esse respeito considera-se a importância que a terra tem para o migrante de promover sua subsistência e não obter lucros:

A terra para eles não tinha valor de troca. Concebiam-na como dádiva divina, da natureza, terra de trabalho, e não como fonte de lucros e riqueza ou negócio; portanto, não tinham escrituras das terras e nem podiam pagar por isso, pois estavam inseridos em uma economia não monetária, em que a troca era feita sob forma de produto, sem intermediação do dinheiro (SILVA, 2004, p. 25).

Alguns produtos eram considerados luxo: o sabonete, o perfume, as roupas e um calçado. O interesse da terra não indicava outras prioridades dos colonizadores no momento, o árduo trabalho não se permitia desperdiçar o que se ganhava com objetos não necessários.

(...) Aqui não tinha quem desse uma palha de arroz para ninguém, porque não tinha como. Nas tabernas pouco tinha para suprir a necessidade de tanta gente, até pela distância para os taberneiros sortir com mercadorias mais

variadas e menor preço. Era um grande desafio morar no meio da floresta, muitas coisas custaram a chegar, mas a gente vivia como podia (20/07/2015).

Nosso colaborador muito relutou em falar sobre o controle dos militares na região. Mas se retorce e esclarece que os *ocupantes da terra se sentiam ameaçados constantemente pelos militares que guarneciam a região armados com o poder de matar, expulsar e limpar o espaço*. Os militares não se mostravam satisfeitos com o povoamento, sem organização e legalização das terras, exigindo do Comando Geral da Amazônia-CMA que os retirassem da região e os mandassem para Normandia ao Norte do ex-Território de Roraima. Ceder não estava nos planos dos ocupantes, pois o tempo gasto nas benfeitorias dos lotes indicava um trabalho árduo, intenso e necessário para permanecerem nos terrenos independentes da aceitação ou não do CMA. A opção era ficar, lutar ou morrer pela terra desejada a tempo.

Um grupo solidário na construção do Povoado Vila do Incra

O grupo articulador se empenhou na expansão do lugar, na tentativa de organizar um espaço próprio, construção de moradias, escolas, motor de luz, usina de arroz etc. O senhor João detalha a abertura e construção do povoado.

As terras foram doadas pelo Executor Moisés e confirmadas pelo Governador Ottomar. A gente se reuniu para tomar algumas decisões em outubro de 1981, sobre a formação do vilarejo, derrubada, alimentação, ferramentas e a metragem a ser derrubada [...] Fizemos um mutirão com homens de todas as localidades da BR 174 e vicinais para desmatar a floresta um trabalho braçal duro como roer osso. (20/07/2015).

Os participantes têm opiniões formadas a respeito de suas lutas na aquisição e criação do lugar, por em prática as ideias do grupo e chamar atenção dos órgãos públicos que olhassem para aquelas pessoas como seres de direitos, carentes de acesso às necessidades básicas, transportes, comunicação, água encanada, comércios, sementes para plantio, ferramentas agrícolas e, sobretudo, um vilarejo que pudesse acolher o maior número possível de migrantes e instalação de escolas.

A gente não tinha máquina, roçadeira ou trator a única ferramenta avançada era o motosserra e dois operadores da máquina Zé Professor e Zé Basílio, trabalharam o dia inteiro derrubando as árvores. (...) Não tivemos paciência para esperar secar o mato a queima foi um fracasso, tivemos que encoivarar. O desejo pelo crescimento do lugar fez a turma trabalhar muitos dias e o fruto desse trabalho é o segundo maior município de Roraima, pelo esforço daqueles desbravadores de floresta. A gente trabalhou como um trator era sempre dez horas de serviço, precisava ser assim para acabar com as pragas e resolver a situação dos migrantes (20/07/2015).

O trabalho realizado naquele período mostra o compromisso do grupo pelo movimento pró-vila, na certeza de garantir a transformação do assentamento com obras estratégicas onde o impossível parecia causar estranhamento para quem circulava em torno da rodovia e não compreendiam a emergência do povoado. Esta organização de trabalhadores foi o reforço para o desenvolvimento deste lugar e muito nos chama a atenção a apresentação estética na construção da Vila do Incra, onde os novos espaços foram ganhando caracterizações peculiares demarcado pelo novo Administrador o senhor Francisco Duarte (Chico Reis) e João Rosa,

juntos vão indicando as construções para beneficiar os moradores, pois, somente abertura da mata não foi suficiente, muito havia para ser feito, as condições de cada um não eram melhores que dos outros, tendo em vista que a pobreza se mostrava extrema de acordo os pioneiros.

Considerações finais

Foi assim que os migrantes incentivados pelo desejo de encontrar um lugar para morar, trabalhar, fugir da miséria narram suas experiências de lutas de vida e deixam claro que as dificuldades encontradas parecem não ser o grande desafio, e mesmo diante de um enorme cinturão de pobreza em torno da formação dos espaços da BR 174, e das estradas vicinais, contribuíram para atingir outros ambientes, como a formação dos novos povoados na selva roraimense, um território ainda desconhecido do país, muito embora ali estejam presentes o Marco Zero da Linha do Equador, e os povos quase extintos pela construção da BR 174 os Waimiri-atroari, e uma diversidade cultural incomparável que se estende desde o Distrito de Martins Pereira até o longínquo Xixuaú no baixo rio Branco.

Referências

LE, Goff, Jacques. *História e memória*. Documento Monumento. Tradução Bernardo Leitão [et al.]-Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 535-549 (Coleção Repertórios).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HONLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007, 175p.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *A luta pela Terra: Experiência e memória*. Editora Unesp. São Paulo, 2004. 136 p.